

Revista **MONXORÓS**

Ano 2, Nº 03, V. 01, 2025

ISSN: 2966-0017

[ARTIGO]

A INTERSECCIONALIDADE NA COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O FIM DA ESCALA 6X1: UM ESTUDO DE CASO DO “NÓS, MULHERES DA PERIFERIA”.

Yasmim Queiroz Alves¹

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira²

INTRODUÇÃO

Collins e Bilge (2021, p. 20) nos apresentam a interseccionalidade “como uma ferramenta heurística³ ou de resolução de problema”, nesse sentido, podemos questionar: quais problemáticas podem ser abordadas a partir da perspectiva interseccional? A análise das experiências individuais e coletivas, através da observação das múltiplas camadas de opressão e privilégio, possibilita uma compreensão aprofundada das desigualdades sociais.

¹ Discente do 6º período do curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: yasmimqueiroz@alu.uern.br.

² Docente e Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora pelo PPGL/UERN. Graduada em Comunicação Social – com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: pamella_rochelle@hotmail.com.

³ A capacidade de descobrir e inventar.

As situações de opressão são constantes sobre as mulheres, especialmente quando se trata das mulheres negras, pois o racismo, infelizmente, habita em todos os campos. Nesse sentido, Akotirene (2018) defende que o racismo deve ser encarado como um problema também das feministas brancas, bem como questões de classe, sexualidade e capacitismo também devem ser vistas como problemas das feministas negras, de modo que a interseccionalidade se coloca como um convite para enxergarmos e discutirmos as diferentes avenidas identitárias e suas encruzilhadas.

Debater sobre as questões enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil é fundamental para compreendermos as complexas dinâmicas sociais e históricas que moldam nossa sociedade e a vida destas sujeitas. Marcadas por um legado colonial que é refletido por diversas formas de desigualdade, as mulheres negras enfrentam desafios diários na busca por uma vida digna, bem como por oportunidades de trabalho. Para ilustrar essa realidade, podemos observar dados que revelam a sobrecarga de afazeres domésticos e disparidades salariais enfrentadas pelas mulheres negras. Um exemplo são alguns dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022, os quais indicam que as taxas de realização de afazeres domésticos pelas mulheres brancas eram de 90,5%, enquanto o das mulheres pretas era de 92,7%, e das pardas de 91,9%. Além disso, no mercado de trabalho, as mulheres ganham menos que os homens, e essa diferença é ainda maior quando se trata das mulheres negras, que podem ganhar até 47%⁴ menos em comparação com outros grupos, de acordo com dados do projeto *Mude com Elas*⁵.

Akotirene (2018), em sua obra, traz à tona os obstáculos enfrentados pelas mulheres negras na luta por direitos e igualdade. Moraes (2019; 2022), por sua vez, fomenta discussões sobre como o jornalismo pode promover debates sociais e raciais ao fazer uso de uma perspectiva subjetiva, a qual, a nosso ver, está atrelada diretamente ao olhar interseccional. Apesar do jornalista buscar certa neutralidade, procurando se isentar do acontecimento

⁴<https://revistamarieclaire.globo.com/carreira/noticia/2024/05/mulheres-negras-recebem-salario-47percent-menor-que-a-media-da-populacao-brasileira.ghtml>.

⁵ <https://acaoeducativa.org.br/projeto/mude-com-elas/>.

e retratar a notícia de forma imparcial, Moraes (2019, p. 217), em contra ponto, afirma que tem “algo de muito errado em uma prática jornalística que não absorve os movimentos a sua volta em nome de uma “isenção””.

O portal jornalístico, *Nós Mulheres da Periferia*⁶, se destaca nesse contexto, atuando de modo a abordar diversos assuntos sob uma ótica plural e antirracista, dando visibilidade à realidade das mulheres negras, periféricas, mães de família, que muitas vezes sustentam seus lares sozinhas. O jornalismo, a nosso ver, desempenha um papel relevante para a representação dos sujeitos e grupos sociais, permitindo que estes tenham ou não mais visibilidade. Questão que muitas vezes foi ignorada pela grande mídia, mas que hoje portais como o aqui citado procuram dar conta.

Nesse cenário, o jornalismo mais humanizado, que utiliza de uma perspectiva interseccional, surge como uma alternativa que busca ir além da mera objetividade tradicional, dando voz a experiências e grupos marginalizadas.

Dito isto, o presente artigo tem como objetivo analisar como a interseccionalidade opera enquanto ferramenta teórico-prática para a produção de um jornalismo mais humanizado. Para tanto, tomamos como corpus de análise o portal de notícias *Nós, Mulheres da periferia*, com foco na cobertura realizada acerca da escala 6x1⁷. Nos propomos a discutir em que medida a problematização de questões em torno de raça, classe e gênero contribui para a produção de uma prática jornalística subjetiva, que ao invés de reproduzir estereótipos em torno de sujeitos e grupos sociais, opera em um sentido contrário. O estudo de caso aqui proposto faz uso da revisão bibliográfica, utilizando, entre outros autores que tratam da temática, Collins e Bilge (2021), Akotirene (2018), Moraes (2022), e Hooks (2021).

UMA FACETA INTERSECCIONAL E SUBJETIVA

⁶ “Site jornalístico dedicado a repercutir a opinião e a história de mulheres negras e periféricas”. Acesso em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>.

⁷ A escala 6x1 faz menção a jornada de trabalho que consiste em trabalhar seis dias consecutivos e folgar um dia. É um dos modos utilizados para dividir a carga de trabalho semanal, de 44h, prevista pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho).

Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), nos dizem que o conceito de interseccionalidade envolve uma análise que vai além dos fatores sociais gerais, considerando-se as múltiplas camadas de opressões e privilégios que influenciam os comportamentos de um grupo. O conceito foi criado por Kimberlé Crenshaw, em 1989, enquanto lutava pelo movimento feminista para mulheres negras nos Estados Unidos, que enfrentavam problemas na inclusão à causa devido ao forte racismo da época.

A feminista e intelectual negra brasileira, Carla Akotirene (2018), discute a interseccionalidade a partir de uma análise aprofundada das dinâmicas de gênero, com especial ênfase nas experiências das mulheres negras. A autora fala do feminismo negro e das diversas situações em que diferentes modos de opressão se entrecruzam, embora para ela o racismo e o capitalismo atuem como forças estruturantes das desigualdades sociais. A desconstrução da estrutura colonial que privilegia o homem hetero cis, mesmo quando indivíduos compartilham o mesmo tom de pele, evidencia que a interseccionalidade se configura como uma ferramenta analítica fundamental para a compreensão das múltiplas camadas de opressão que afetam os sujeitos em diversos espaços sociais (Akotirene, 2018, p. 14).

Embora todas as pessoas que utilizam as estruturas interseccionais pareçam estar sob um grande guarda-chuva, o uso da interseccionalidade como ferramenta analítica significa que ela pode assumir diferentes formas, pois atende a uma gama de problemas sociais (Collins; Bilge, 2021, p.19-20). Ao analisar esses desequilíbrios sociais por meio da interseccionalidade, é possível encontrar respostas mais precisas para certos problemas, seja em uma comunidade ou no ambiente profissional, desde que haja um olhar interseccional atento.

Moraes (2022, p. 162) argumenta que a interseccionalidade é um

elemento fundamental para uma prática jornalística comprometida em reelaborar formas de dizer e ver. É essencial adotar abordagens humanizadas na transmissão de informações, levando em consideração diferentes perspectivas. Aos poucos, as bolhas são rompidas, permitindo um debate mais profundo sobre temas que envolvem grupos historicamente marginalizados. Enquanto os veículos de mídia tradicionais frequentemente abordam certas questões de maneira pré-estabelecida, mídias digitais independentes, como o portal *Nós, Mulheres da Periferia*, abordam estas questões a partir da faceta interseccional e subjetiva, reelaborando, assim, a prática jornalista.

Moraes (2022, p. 22) trata do uso do termo ‘amoladores de faca’, fazendo referência a profissionais, que de maneira direta ou indireta, reproduzem, legitimam e perpetuam estruturas de racismo, misoginia e outrofobias⁸. Nesse âmbito, a objetividade muitas vezes é concebida como princípio fundamental do discurso profissional, o pilar do jornalismo, podendo funcionar como mecanismo de permanência das assimetrias de poder, embora sua suposta proposta seja produzir notícias imparciais, apresentadas como isentas de posicionamento.

Moraes (2015; 2019; 2022), também problematiza bastante a questão da “exotificação do outro”, e por um olhar exotificante trata da busca contínua por enquadrar o outro em estereótipos a partir do que este apresenta como “diferente”. Questão, que para a autora, relaciona-se em grande medida com o olhar eurocêntrico, que define o sujeito branco como padrão de humanidade inquestionável, corroboram com a autora Collins e Bilge (2021) e Akotirene (2018).

Ao discorrer sobre como reelaborar a prática jornalística rompendo

⁸ Outrofobia. s.f. Rejeição, medo ou aversão ao outro. Termo genérico utilizado para abarcar diversos tipos de preconceito ao outro, como machismo, racismo, homofobia, elitismo, transfobia, classismo, gordofobia, ca pacitismo, intolerância religiosa etc.

com essa “exotificação do outro”, Moraes (2022) aponta para a necessidade de que a produção jornalística se dê a partir de práticas mais reflexivas e situadas, as quais vão desde a preparação das pautas, passando pela seleção criteriosa das perguntas e um olhar crítico no modo de noticiar, questões que contribuirão diretamente para que se evite a reprodução de saberes e ideias desumanizadas. Observamos tais marcas presentes no fazer jornalístico do *Nós, Mulheres da Periferia*, como será discutido a seguir.

A PERSPECTIVA DO NÓS, MULHERES DA PERIFERIA

O portal de notícias, *Nós, Mulheres da periferia*, é criado em 2014 com “o intuito de contribuir para a construção de narrativas jornalísticas mais humanas e contextualizadas, dialogando com a tríplice raça, classe e território, tendo a periferia de São Paulo como contexto” (*Nós, Mulheres da periferia*, 2025). Esta empresa jornalística é fundada e autogestionada apenas por mulheres negras, toda a renda advém de parcerias estabelecidas com empresas e fundações, além da assinatura dos leitores, que é fundamental para a manutenção do portal. Quanto a missão da empresa, esta afirma ser “produzir jornalismo para ouvir e repercutir a história, memória e opinião de mulheres negras e periféricas” (*Nós, Mulheres da periferia*, 2025), tendo como meta se tornar um veículo de referência nacional e internacional em jornalismo feito por e para mulheres, entre seus valores estão “Qualidade, Ética, Confiabilidade, Inovação, Independência, Protagonismo” (*Nós, Mulheres da periferia*, 2025).

A composição atual do *Nós, Mulheres da Periferia*, é formada por uma equipe composta por oito mulheres negras, as quais desempenham funções estratégicas dentro do veículo, dando vida ao movimento da mídia independente. As jornalistas, Bianca Pedrina e Semayat Oliveira, são

responsáveis pela gestão operacional, enquanto Elaine Silva, formada em administração, atua na parte administrativa. Na diretoria institucional, Jéssica Moreira e Regiany Silva, conduzem as iniciativas e representações do veículo. Já a editoria fica sob responsabilidade de Livia Lima e Mayara Penina. Além disso, o *podcast* Conversa de Portão⁹ é coordenado por Sabrina Teixeira Novaes.

A estrutura do portal está atualmente dividida entre: Reportagens, Colunistas, *Podcast*, Dicas da semana, Histórias, Especiais, *Webstories*, Manifesto, Quem somos, e Equipe. Além do portal, a empresa também possui um canal no *YouTube* e perfis em diferentes redes sociais, tais como *Instagram*, *X*, *Facebook* e *LinkedIn*, nas quais divulga o conteúdo produzido no portal e as demais atividades sociais realizadas pela empresa.

O surgimento do portal se dá a partir de uma serendipidade, pois amigas se reúnem para um almoço e decidem começar a escrever sobre questões de gênero, especialmente questões relativas à mulher negra e periférica, que está à margem da sociedade. O perfil do *Instagram*, que funciona como uma vitrine do portal, apresenta na biografia a seguinte declaração: “Jornalismo feito por mulheres sobre o Brasil e o mundo”. A iniciativa já conta com mais de 90 mil seguidores no *Instagram*, 2.300 conteúdos publicados no portal, mais de um milhão de pessoas alcançadas nos últimos quatro anos do portal, e outras 13,8 milhões alcançadas pelo *Instagram* (FLORA, 2024). Ao verificar o alcance do *Nós Mulheres de Periferia*, mesmo com poucos recursos, o veículo se mantém firme e chegou a números de interações impressionantes.

Uma das fundadoras do portal, Bianca Pedrina, afirma que: “A ideia começou em 2012 quando publicaram um artigo discutindo justamente como era a presença das mulheres na imprensa. ‘A gente queria se sentir

⁹ <https://open.spotify.com/show/39gOUgPbRsPp02gF8oPuwZ>.

representada, ser ouvida e protagonista. Nosso propósito era conquistar espaço para conseguir mostrar nosso papel fundamental na sociedade” (FLORA, 2024, *Apud.* PEDRINA, B). O dia de fundação do portal, segundo as próprias criadoras, marca uma atitude de resistência frente à misoginia, que ao longo do tempo busca retirar das mulheres suas qualificações profissionais, designando-as apenas para trabalhos domésticos e de cuidados.

Há mais de 10 anos o portal vem dando voz as mulheres negras da periferia, reportando histórias reais sem estereotipar o outro, além de contribuir com questões sociais. Para além do trabalho jornalístico, com produção de matérias e reportagens especiais, o portal oferta oficinas de comunicação para mulheres, entre 17 e 92 anos, nas periferias da grande São Paulo.

Pequenas novas práticas, como a da reflexão consciente e elaboração de pautas mais humanizadas, podem desnaturalizar um jornalismo estigmatizante e violento que, por vezes, enquadra sujeitos em estereótipos, questão que nos é apresentada por Moraes (2022). Uma ruptura desse tipo não é apenas de ordem individual, pelo contrário, convoca um reposicionamento dos novos veículos que surgem no âmbito das mídias digitais - como é o caso do portal aqui tratado -, bem como dos veículos da mídia tradicional. Além, é claro, de passar pela própria formação dos profissionais da imprensa, ou seja, pela academia, sendo este, então, um movimento circular que vai do micro para o macro, “afinal manutenção de estereótipo também é manutenção de poder” (Moraes, 2022, p. 22).

Ao ler a reportagem do *Nós Mulheres da Periferia* sobre a escala 6x1, a qual iremos analisar, observa-se uma preocupação, por parte da produção jornalística, em contextualizar as informações repassadas de modo mais humanizado, levando em consideração não apenas a notícia em si, mas

todos os agentes nela envolvidos e o lugar de onde falam, questões que por vezes são deixadas de lado pela mídia tradicional.

Para observarmos de modo mais analítico em que medida o portal de notícias, *Nós, Mulheres da Periferia*, utiliza (ou não) a interseccionalidade enquanto ferramenta teórico-prática para a construção da notícia, pretendemos analisar a matéria “Mulheres relatam rotina cansativa trabalhando na escala 6x1”, publicada pelo portal no segundo semestre de 2024. A partir desta análise, pretendemos problematizar como se dá a construção de um jornalismo mais humanizado e, nos termos de Moraes (2022), um jornalismo de subjetividade.

ESCALA 6X1: GÊNERO, JORNALISMO E SUBJETIVIDADE

Nos últimos tempos, especialmente a partir do meio do ano de 2024, grande parte do debate social tem girado em torno do fim da escala 6x1, mas que escala é essa? Quem é afetado por ela? Muitas dúvidas surgem diante desta discussão, tanto por parte dos empregadores como também por parte dos trabalhadores que vivenciam esta realidade. A Advogada Trabalhista, Marcela Brasil, publicou um artigo no Pesquisa Jurídica que Transforma Brasil (JUS BRASIL)¹⁰, no qual explica como funciona a escala, que pode ser compreendida de modo resumido como “aquela que tem 6 dias de trabalho consecutivos, seguido de 1 folga no sétimo dia”.

Rick Azevedo, atualmente vereador do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), começou o movimento Vida Além do Trabalho ou como é conhecido popularmente VAT¹¹, em 2023, publicando

¹⁰ <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/escala-de-trabalho-6-x-1-tudo-que-voce-precisa-saber-para-nao-errar/1304119276>.

¹¹ Página do movimento na rede social Instagram: https://www.instagram.com/movimento_vat/.

vídeos em seu perfil do *Tik Tok*¹². O objetivo foi criar uma petição pública¹³ para acabar com a escala 6x1, que, em sua opinião, suga os trabalhadores, deixando-os sem tempo de qualidade para tratar de assuntos particulares. Desde o início do texto da petição o então vereador relata suas preocupações:

Nós, cidadãos e cidadãs preocupados com as condições de trabalho no Brasil, vimos por meio deste abaixo-assinado expressar nossa profunda inquietação em relação à atual situação dos trabalhadores brasileiros e solicitar uma revisão na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) com o objetivo de proporcionar uma vida além do trabalho, como preconizado pelo Movimento VAT (Vida Além do Trabalho); (Petição Pública, 2023).

Mesmo com toda a mobilização nas redes sociais, a causa só ganhou destaque um pouco depois, quando a Deputada Federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Erika Hilton, apresentou uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) na Câmara dos Deputados, com o objetivo de diminuir a carga horária de trabalho no Brasil de 44 para 36 horas por semana¹⁴. Este assunto acabou chamando atenção da grande mídia e tornando-se pauta em quase todos os veículos jornalísticos. O portal *Nós, Mulheres da Periferia* também tratou da temática, uma de suas matérias publicadas sobre a questão teve como título “Mulheres relatam rotina cansativa trabalhando na escala 6x1”.

Ao nos determos na análise desta matéria em específico, observamos que o portal tratou do mesmo assunto que estava sendo veiculado por outras empresas jornalísticas, no entanto, com um olhar diferenciado, pois o foco em questão não foi a PEC em si, apesar desta ser a temática norteadora, e sim como as mulheres trabalhadoras têm suas vidas atingidas

¹² <https://www.tiktok.com/@rickazzevedo? t=8g2McccN9AD& r=1>.

¹³ <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=BR135067>.

¹⁴ Ver mais em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1136400-pec-que-acaba-com-a-escala-de-trabalho-6x1-e-protocolada-na-camara/>.

pelo atual regime trabalhista do país. Nesse sentido, já podemos observar o fazer jornalístico do portal operando a partir do que Moares (2019) nomeia de jornalismo de subjetividade, o qual, segundo a autora:

Busca ser mais integral, se situa em critérios também objetivos: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante"; e com a utilização da interseccionalidade adentrar-se nas camadas das estruturas, entendendo o outro (Moraes, 2019, p. 209).

Collins e Bilge (2021, p. 51), por sua vez, afirmam que, quando usada como uma forma de práxis crítica, a interseccionalidade se refere às maneiras pelas quais as pessoas, como indivíduos ou parte de um grupo, produzem, recorrem ou aplicam estruturas interseccionais na vida cotidiana. Acreditamos, pois, que o jornalismo não só pode como deve cada vez mais fazer uso dessas estruturas interseccionais no processo de produção das notícias, questão evidenciada pela própria Moraes (2022) ao nos convidar a pensar a pauta como uma arma de combate. Deste modo, tomamos as discussões realizadas por Collins e Bilge (2021) e Moraes (2022; 2019) como ponto de partida para análise da matéria aqui exposta.

Imagem 01 – Matéria Mulheres relatam rotina cansativa.



Fonte: Portal Nós Mulheres da Periferia (2025)¹⁵.

A matéria da imagem 01, publicada em 28 de junho de 2024, foi realizada pela jornalista Beatriz de Oliveira, e trata da rotina de três mulheres, Carol Oliveira, Julia Marques, e Karolinnny Gomes. Duas negras e uma branca, com a faixa etária entre 22 a 31 anos, que trabalham na escala 6x1. Estas mulheres buscam conciliar o trabalho com a vida pessoal e os filhos, tentando tirar um tempo para si.

A jornalista, Beatriz Oliveira, preferiu em primeiro momento causar um impacto para aquele que ler, relatando algumas falas das entrevistadas sobre suas rotinas. Logo após, a matéria segue apresentando o Movimento VAT, e o pronunciamento da Deputada Erica Hilton (PSOL) na Câmara, ao optar por esta construção o site traz também um viés de objetividade, pois como menciona Moraes (2019):

Uma prática ativista não significa abrir mão de ferramentas e

¹⁵ Disponível em: <https://nosmulheresdapерiferia.com.br/mulheres-relatam-rotina-cansativa-trabalhando-na-escala-6x1/>.

procedimentos vitais (apuração, pesquisa, produção polifônica), mas sim empregá-los em abordagens que, bem realizadas, respeitam e potencializam aquilo que o jornalismo tem de mais poderoso: iluminar o que está sob as sombras. É vital compreender que o caminho da objetividade no jornalismo para além dos procedimentos técnicos, deve ser guiado também pela percepção da sub-representação que atinge diversos grupos sociais, uma sub-representação, repito, causada também pelo jornalismo (Moraes, 2019, p. 216).

No decorrer da matéria, ao invés de continuar expondo dados objetivos e o contexto político, a jornalista e o portal resolvem focar em apresentar um recorte do perfil das trabalhadoras que vivenciam a escala 6x1, são elas: 1- Carol Oliveira, mulher negra, com 31 anos de idade, que desde os 19 anos trabalha na escala 6x1 no setor varejista na cidade do Rio de Janeiro; 2- Julia Marques, 22 anos, outra mulher negra que vive na zona sul de São Paulo, e trabalhou durante quatro meses em uma rede de supermercados; 3- Karolinny Gomes, mulher branca de 24 anos, que trabalhou por 8 meses em dois Shoppings na cidade de Bauru (SP). Ao observarmos o perfil das entrevistas é possível perceber que o próprio veículo realiza um recorte de gênero, classe e raça ao optar por apresentar a realidade de mulheres da classe trabalhadora, em sua maioria negras, o que está em diálogo com a própria realidade brasileira, pois as mulheres negras compõem a maior parte da população do país - são mais de 60 milhões, o que equivale a 28,5% dos brasileiros -, correspondendo também ao maior porcentagem de brasileiros em idade ativa - 48,3 milhões, ou seja 28,4% do total (Lima; Ferreira, 2024, n.p.). Os dados por si só demonstram a relevância do recorte realizado pelo portal de notícias.

Ao longo dos relatos surgem algumas reclamações por parte das entrevistadas, as quais afirmam “cansaço físico, psicológico, falta de tempo para convívio com amigos e família, e até para cuidar de si”. A este respeito, Moraes (2022, p. 38) nos diz que existem corpos que podem ser mais explorados que outros. Neste íterim, o corpo das mulheres e dos negros,

principalmente das mulheres negras, são explorados todos os dias, dentro e fora de grandes instituições de poder. Ao dar visibilidade para as vivências e experiências dessas mulheres, o portal contribui para romper com a perspectiva colonial, racista e patriarcal de silenciamento e apagamento de determinados corpos, tidos como inferiores. Vejamos, a seguir, trechos das falas das entrevistas.

Imagem 02 - Fala de Carol.

“A minha rotina é de correria, loucura total!”

Carol Oliveira, 31 anos, trabalha em escala 6×1 há 12 anos no comércio varejista e vive no Rio de Janeiro (RJ).



Carol Oliveira trabalha há 12 anos na escala 6×1
©arquivo pessoal

Fonte: *Print* do portal *Nós Mulheres da Periferia* (2025).

Imagem 03 - Fala de Julia.

“Eu vivia esperando pela minha folga”

Julia Marques, 22 anos, vive na zona sul de São Paulo (SP). Trabalhou em escala 6x1 por um ano e quatro meses em uma rede de supermercados.



Julia Marques trabalhou em escala 6x1 em uma rede de supermercados.
©arquivo pessoal

Fonte: *Print* do portal *Nós, Mulheres da Periferia* (2025).

Imagem 04 - Fala de Karolinny.

“Eu não tinha hobbies, não tinha lazer com a minha família”

Karolinny Gomes, 24 anos, trabalhou na escala 6x1 durante 8 meses nos dois shoppings da cidade de Bauru (SP).



Karolinny Gomes trabalhou em shoppings na escala 6x1
©arquivo pessoal

Fonte: *Print* do portal *Nós, Mulheres da Periferia* (2025).

O que reside no valor-notícia da reportagem é a possibilidade de olhar para o outro e compreender sua realidade, a repórter vê nessas mulheres um cansaço e preocupação. Nesse sentido, pode-se recorrer a Moraes (2022, p. 124) quanto esta afirma que: "É preciso investigar e nomear as coisas pelo que são para pensar nossas formas de ver, ensinar e fazer, as formas pelas quais entendemos a importância do jornalismo". Para passar a mensagem que deseja, o portal opta por marcar em negrito algumas das frases ditas pelas entrevistadas, o que se dá antes mesmo da apresentação das fontes, ou seja, até a editoração passa um recorte subjetivo e interseccional.

A utilização de uma perspectiva interseccional por parte no veículo fica mais clara quando exploramos as camadas que se analisam, as multifaces expostas de uma maneira fundamental e essencial para a informação. Temos a chance de interagir com o mundo usando lentes menos opacas e realizando um jornalismo que supera o discurso gasto da democracia liberal (Moraes, 2022, p. 60).

Podemos notar, ainda que timidamente, uma crescente presença da interseccionalidade na prática jornalística no espaço das mídias digitais, o que está para além do *site* aqui analisado, como por exemplo em portais como Notícia Preta BR, Alma Preta Jornalismo e Mídia Ninja. A este respeito, Hill Collins e Sirma Bilge (2021, p.162) fazem uma observação sobre o fato da "visibilidade crescente e muitas vezes questionada da interseccionalidade nas mídias sociais" ser por um lado preocupante no sentido das pessoas não se aprofundarem na compreensão do seu significado, mas por outro lado positiva ao nos oferecer diversas oportunidades para examinar as "interseções de classe, raça, colonialidade, sexualidade, gênero, casta e idade" em um espaço de rápido e fácil acesso e

divulgação. O que permite que pautas e sujeitos por muito tempo invisibilizados pela mídia tradicional, passem a ser vistos e tenham suas histórias contadas por jornalismo que além do fato se preocupa em humanizar a informação.

CONCLUSÃO

A objetividade jornalística, como bem expõe Moraes (2022, p. 59), tem “raça, classe, território e gênero”. Dito isto, percebemos que ao construir um jornalismo que evidencia a existência de diferentes esquinas identitárias, jogando luz sobre estas, é possível romper com uma bolha social responsável por enquadrar os sujeitos em estereótipos e padrões pré-concebidos. A nosso ver, é papel do profissional da imprensa acompanhar as mudanças de seu tempo, pois torna-se impensável que a/o jornalista não tenha tempo para pensar (Moraes, 2022) e problematizar as relações sociais, caminhando, assim, para a construção de um jornalismo humanizado, responsável por narrar uma história do presente mais plural, diversa, antipatriarcal e antirracista.

O jornalismo de subjetividade, conforme proposto por Moraes (2019; 2022), e a interseccionalidade, discutida por Collins e Bilge (2021) e Akotirene (2018), caminham lado a lado. Não há como dissociar esses conceitos ao analisar um fazer jornalístico que adota o viés interseccional para uma compreensão mais aprofundada dos casos.

Ao escrever a matéria “Mulheres relatam rotina cansativa trabalhando na escala 6x1”, a jornalista Beatriz Oliveira optou por tratar da vida das fontes, evidenciando que as mulheres submetidas a essa rotina exaustiva são, muitas vezes, mães que precisam conciliar trabalho e vida pessoal em um sistema que as oprime. Além disso, frequentemente recebem

salários inferiores aos de homens e mulheres brancas. Como aponta Hooks (2021, p. 225): “A supremacia branca lhe ensinou que todas as pessoas não brancas são ameaças, independentemente de seu comportamento”. É esta estrutura colonial e esbranquiçada que a subjetividade e a interseccionalidade buscam desconstruir, rompendo com amarras históricas eurocêntricas e promovendo conexões multifacetadas que atendam à sociedade de forma íntegra e integral.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

EDITORIA, Estatísticas Sociais, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas.** 2020 atualizado em 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>.

FLORA, Katia. **Nós, mulheres da periferia chega aos 10 anos e busca abrangência nacional.** 2024. Disponível em: <https://agenciamural.org.br/nos-mulheres-da-periferia-chega-aos-10-anos-e-busca-abrangencia-nacional/>.

HOOKS, Bell. **Tudo Sobre O Amor: Novas Perspectivas.** 1. ed. São Paulo: Elefante, 2021.

LIMA, Juliana; FERREIRA, Afonso. Maioria no país, mulheres negras formam grupo menos beneficiado por avanços sociais, diz Pnud. *In: G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/05/28/maioria-no-pais-mulheres-negras-sao-o-grupo-menos-beneficiado-por-avancos-sociais-diz-pnud.ghtml>. Acesso em: 15 de março de 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Arquipélago Editorial, 1ª ed., 2022.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/issue/view/11230>.

NERY, Carmen; BRITO Vinicius; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas**. 2023 Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Quem somos nós. 2025. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 de março de 2025.

OLIVEIRA, Beatriz. **Mulheres relatam rotina cansativa trabalhando na escala 6x1**. 2024. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/mulheres-relatam-rotina-cansativa-trabalhando-na-escala-6x1/>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2025.

A INTERSECCIONALIDADE NA COBERTURA JORNALÍSTICA SOBRE O FIM DA ESCALA 6X1: UM ESTUDO DE CASO DO “NÓS, MULHERES DA PERIFERIA”

RESUMO

O presente trabalho se propõe a discutir em que medida a problematização de questões em torno de raça, classe e gênero contribui para a produção de uma prática jornalística mais humanizada e subjetiva, que ao invés de reproduzir estereótipos em torno de sujeitos e grupos sociais, opera em um sentido contrário. Dito isto, a proposta é realizar um estudo de caso do portal, Nós, Mulheres da periferia, com foco na cobertura sobre o fim da escala de trabalho 6x1, observando em que medida a interseccionalidade se apresenta enquanto ferramenta prática na construção de um jornalismo de subjetividade (Moraes, 2022). Para tanto, optamos pela revisão bibliográfica, utilizando, entre outros autores que tratam da temática, Collins e Bilge (2021), Akotirene (2018), Moraes (2022), e Hooks (2021).

Palavras-chave: Jornalismo; Interseccionalidade; Subjetividade; Raça.

INTERSECTIONALITY IN NEWS COVERAGE OF THE END OF THE 6X1 SCALE: A CASE STUDY OF “NÓS, MULHERES DA PERIFERIA”

RESUMO

The present work aims to discuss to what extent the problematization of issues around race, class and gender contributes to the production of a more humanized and subjective journalistic practice, which instead of reproducing stereotypes around subjects and social groups, operates in the opposite direction. That said, the proposal is to carry out a case study of the portal, Nós, Mulheres da periphery, focusing on coverage of the end of the 6x1 work schedule, observing the extent to which intersectionality presents itself as a practical tool in the construction of a journalism of subjectivity (Moraes, 2022). To this end, we opted for a bibliographical review, using, among other authors who deal with the topic, Collins and Bilge (2021), Akotirene (2018), Moraes (2022), and hooks (2021).

Keywords: Journalism; Intersectionality; Subjectivity; Race.

